

DESEMPREGO

Enquanto em São Paulo o número de desempregados aumenta quatro vezes mais do que a PEA, em Brasília o crescimento é de 2,5 vezes

Taxa cresce menos no DF

MARCELO TOKARSKI

DA EQUIPE DO CORREIO

O Distrito Federal tem uma das maiores taxas de desemprego do país, com 23,3% da população em idade de trabalho à procura de uma oportunidade de trabalho, segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) elaborada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). No entanto, nos últimos sete anos as estatísticas vêm se mostrando menos dramáticas: na comparação com outras regiões do país onde a PED é realizada, o desemprego no DF registrou menor crescimento em relação ao aumento da População Economicamente Ativa (PEA).

Significa dizer que, apesar de a PEA ter crescido mais do que nos outros estados, o desemprego não seguiu o mesmo ritmo. Aqui, de janeiro de 1996 a julho deste ano, o desemprego cresceu 2,5 vezes mais que a PEA. Em Minas Gerais, a relação foi de 3,7 vezes e em São Paulo, de 4 vezes. No Rio Grande do Sul, o número de desempregados aumentou 4,7 vezes mais que o da população em condições de trabalho (veja quadro).

Para os especialistas, há pelo menos três importantes causas para este fenômeno. Em primeiro lugar, o desemprego no DF cresceu menos proporcionalmente porque já se encontrava em um patamar alto há sete anos. Em janeiro de 1996, a taxa era de 16,5%, contra 13,2% em São Paulo, 11,8% em Minas Gerais e 10,7% no Rio Grande do Sul.

Hoje, a estatística do DF continua sendo a maior (23,3%), mas a diferença em relação aos demais estados caiu. São Paulo e Minas Gerais atingiram 19,7% e o Rio Grande do Sul foi a 17,8%.

Migração e governo

A segunda causa é a forte migração registrada no DF. Desde 1996, a PEA aqui cresceu mais de 36%, o maior aumento das quatro regiões analisadas. Isso se explica, principalmente, pela vinda de pessoas de outros estados para procurar uma oportunidade na capital.

Segundo dados da Secretaria de Trabalho, dos 263.100 desempregados do DF, 126.600 — o equivalente a 48,1% — são migrantes. O maior estado exportador da mão-de-obra para o DF é

Kleber Lima



A ADVOGADA POTIGUAR ANA CLÁUDIA DA LUZ: ENGROSSANDO A PEA DO DF AO VIR PARA A CAPITAL EM BUSCA DE TRABALHO

A EVOLUÇÃO DO DESEMPREGO

O relação crescimento da População Economicamente Ativa (PEA) X número de desempregados mostra a evolução do mercado de trabalho e fornece parâmetros de comparação entre diferentes regiões. Os números usados na comparação de referem aos meses de janeiro de 1996 a julho de 2003.

	Distrito Federal	Minas Gerais	São Paulo	Rio Grande do Sul
PEA em 96	826.000	1.722.000	8.220.000	1.487.000
PEA hoje	1.128.900	2.276.000	9.816.000	1.801.000
Crescimento	36,56%	32,17%	19,4%	21%
Desempregados em 96	136.000	203.000	1.085.000	160.000
Desempregados hoje	263.100	448.000	1.934.000	319.000
Crescimento	93,45%	120,7%	78,2%	99,37%
Aumento da relação de crescimento PEA/Desemprego	2,5 vezes	3,7 vezes	4 vezes	4,7 vezes
Taxa de desemprego em 96	16,5%	11,8%	13,2%	10,7%
Taxa de desemprego hoje	23,3%	19,7%	19,7%	17,8%

Fonte: Dieese

Goiás, com 18,8%, seguido de Bahia e Piauí (13,5% cada um), Minas Gerais (11,7%) e Maranhão (11,2%).

“O certo seria ter um crescimento proporcional. O crescimento maior do desemprego do que da PEA mostra que não estão sendo gerados as vagas suficientes para atender as pessoas que ingressaram no mercado de trabalho”, explica Valéria Maria

Rodrigues Fachine, coordenadora técnica da PED-DF.

Ela confirma que a administração pública é fundamental para fazer com que a relação desemprego/PEA seja mais favorável no DF. “O setor público influencia demais aqui no DF, aliviando um pouco o desemprego”, afirma.

É o caso da advogada Ana Cláudia Secundo da Luz, de 25 anos. Ela trabalhava no Ministério Pú-

blico de Natal, no Rio Grande do Norte, e sentiu-se atraída por um concurso público da Advocacia Geral da União (AGU). Das 316 vagas do concurso, 202 eram para Brasília. Aprovada, Ana Cláudia mudou-se no final de agosto e diz estar gostando da cidade. “A qualidade de vida aqui é boa. Além disso, o salário e a estabilidade do funcionário público também são atrativos”, afirma.